



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

ANTONIO EMANUEL DE FREITAS PEREIRA

PROJETO DE PESQUISA
**IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL ESTUDANTIL DE GUINEENSES EM
ACARAPE\CE**

REDENÇÃO
2019

ANTONIO EMANUEL DE FREITAS PEREIRA

PROJETO DE PESQUISA

**IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL ESTUDANTIL DOS GUINEENSES EM
ACARAPEICE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de bacharel.

Orientador: Professor Doutor Carlos Subuhana

REDENÇÃO
2019

IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL ESTUDANTIL DOS GUINEENSES EM ACARAPE\CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Redenção – CE, 05 de setembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Professor Doutor Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

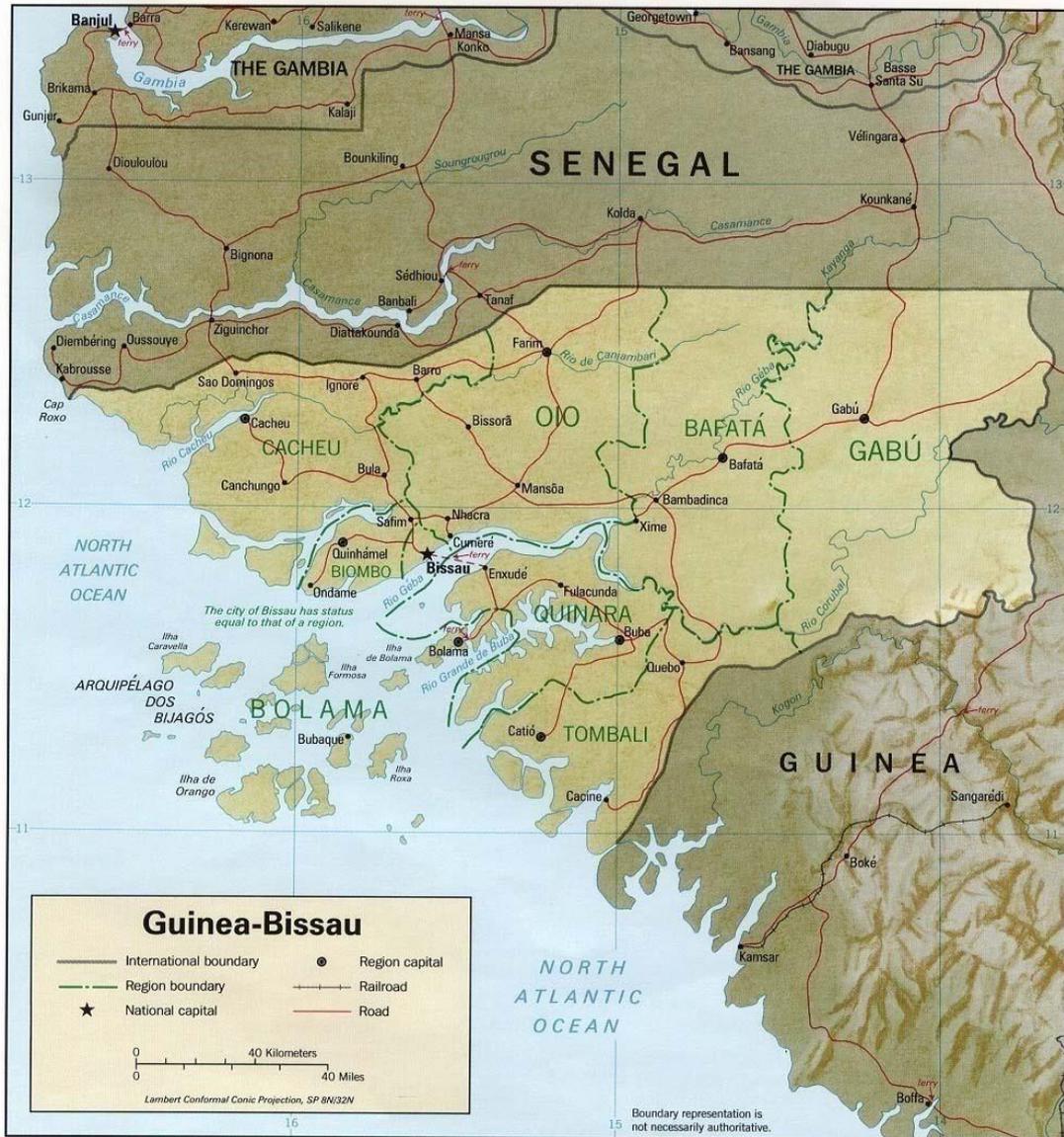
Professora Doutora Artemisa Odila Candé Monteiro
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor doutor Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	6
2.1 OBJETIVO GERAL	6
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
3 JUSTIFICATIVA	7
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
4.1 TEORIA DAS MIGRAÇÕES COMO PROBLEMA SOCIAL	8
4.2 A MOVIMENTAÇÃO INTERNACIONAL DOS AFRICANOS/AS E A GLOBALIZAÇÃO	11
4.3 A INSERÇÃO DE AFRICANOS NO BRASIL - COOPERAÇÕES BILATERAIS BRASIL E ÁFRICA: O CASO UNILAB	13
4.4 EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO\GUINÉ-BISSAU E BRASIL	18
4.5 MOTIVADORES DA SAIDA DE ESTUDANTES GUINEENSES PARA O ESTADO DO CEARÁ (ACARAPE)	21
5 METODOLOGIA	23
5.1 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA	24
6 CRONOGRAMA	24
REFERÊNCIAS	25

Mapa de Guiné-Bissau



1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como finalidade analisar e compreender a dinâmica e as configurações da migração internacional com fins de estudo, com ênfase aos estudantes guineenses vinculados a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e todas as implicações sociais que resultam desse deslocamento.

Sendo assim, o motivo da escolha deste tema é, basicamente, a minha própria curiosidade enquanto Brasileiro e natural de Acarape/CE¹, um município que abriga a Unidade Acadêmica dos Palmares. Por outro lado, é de nosso interesse descobrir como se dá esse processo migratório, a integração e a sociabilidade destes estudantes com as culturas e costumes do novo ambiente social e/ou local.

Vale ressaltar que este trabalho não deixa de estar ligado com de outros especialistas das áreas de ciências sociais e humanas que discutem questões relacionadas ao deslocamento estudantil.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL:

Analisar o processo imigratório dos estudantes guineenses na Unilab, residentes em Acarape, e os impactos sociais que influenciam nas relações interpessoais nesse novo ambiente social.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar na cidade de Acarape, aspectos predominantes para a possível desmotivação de alguns guineenses no momento de sua chegada.
- Abordar as dificuldades inerentes ao processo de adaptação.
- Analisar se as diferenças sociais podem ou não influenciar no rendimento acadêmico.
- Analisar a socialização dos guineenses com os brasileiros e os demais estrangeiros.

¹ Acarape é um município da macrorregião do Maciço de Baturité, no estado do Ceará, no Brasil.

- Identificar como a população local lida com a presença dos/as estudantes guineenses na região.

3 JUSTIFICATIVA

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) foi fundada em 20 de julho de 2010 na cidade de Redenção, em parceria com outros países, principalmente do continente africano, com o intuito de desenvolver formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado.

Nosso interesse é observar na cidade de Acarape as dificuldades no processo de adaptação, que a comunidade guineense sente ao se deparar com a realidade. Haja vista que, outrora se deslocaram de Guiné-Bissau com uma visão das cidades do entorno da Unilab, a exemplo de Acarape, como sendo cidades mais desenvolvidas, mas ao chegarem constataram a realidade da maioria das cidades do interior do Ceará, com baixo nível de infraestrutura e sem opções de entretenimento. Após a estadia inicial ofertada pela universidade, através do programa de Acolhimento de Estudantes Internacionais, ao começarem a receber auxílios, através do Programa de Assistência ao Estudante (PAES), se deparam com um problema quando procuram uma moradia, devido aos preços exorbitantes que os locatários ofertam muitas vezes fora dos padrões das residências e, com isso, os guineenses se veem obrigados a morar com duas ou mais pessoas para conseguir pagar os vencimentos da residência alugada.

Essas experiências e processos geram certamente nesses estudantes universitários guineenses, com a faixa etária compreendida de 18 anos para diante, uma frustração e insegurança pelo rompimento de alguns vínculos sociais, familiares e também pela perda de referências culturais que são muitas vezes distintas do povo brasileiro. Partindo desta assertiva surgem as seguintes interrogações: as diferenças encontradas podem ou não influenciar no rendimento estudantil dos guineenses? A frustração pode ser causadora do abandono da universidade? E, que tipo de problemas avistados podem ou não levar o estudante migrar para outra cidade com uma melhor infraestrutura? O propósito também é compreender e investigar como esses/as estudantes experimentam a vivência de saída do país natal (Guiné Bissau) de que modo este trânsito afeta as suas identidades e visões de mundo, por que

migram? Quem deixaram? O que mudou em suas vidas? O que acontece quando chegam na UNILAB (Ceará/Brasil)?

Trazer para o centro das discussões de forma clara e precisa a imigração dos estudantes guineenses e os impactos sociais sentidos pelos guineenses ao chegarem à cidade de Acarape/Ceará, pode motivar reflexões sobre novas formas de acolhimento e integração, um pensamento entre a população acarapense de como receber melhor os guineenses e como ajudar na integração, termo que compõem o nome oficial da UNILAB. Há que se entender melhor quais são os pontos em que a cidade pode ajudar na adaptação dos estudantes. Sendo assim, discutir as relações sociais é de exímia importância, pois têm reflexos diretos na convivência dos guineenses com a cidade de Acarape. Assim, os gestores do município podem, a partir disso, vislumbrar políticas públicas mais efetivas, que possibilitem melhoras na infraestrutura e em pontos de entretenimento, favorecendo a comunidade guineense que nela reside, como também toda a comunidade local em todos os aspectos.

Através dessa pesquisa podemos observar o início de um processo de transformação social que começa na academia e estende seus reflexos para a realidade social, onde a cidade de Acarape pode manifestar juntamente com a comunidade acadêmica.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Teorias das migrações e como um problema social

Para Sayad (1998) - que tem se debruçado no estudo da imigração de Argelinos em direção à França -, a imigração é um fato social completo no qual, segundo, ele é a única característica em que há concordância na comunidade científica e, por conseguinte, todo o itinerário do imigrante seria 'epistemológico', constituindo no cruzamento das ciências sociais, o ponto de encontro de inúmeras disciplinas, e sendo fato social, falar de imigração, segundo Sayad (*apud* SUBUHANA, 2005), é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica e também em sua extensão sincrônica, ou do ponto de vista das estruturas presentes e do seu funcionamento, mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de umas de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração. E, conforme Sasaki & Assis (2000), os migrantes de

todos os tempos evocam, diversas imagens: a partida, a viagem, o trajeto e a chegada a uma nova terra constroem um fio e uma trajetória que a inquieta.

Para Sayad (1998), a imigração baseia-se no deslocamento de populações por todas as formas de espaço socialmente qualificadas (o espaço econômico, político no duplo sentido, cultural, sobretudo em suas dimensões simbolicamente mais “importantes”, o espaço linguístico, religioso, entre outros). Estudos sobre migração têm interessado muitos estudiosos das ciências sociais, e na base das pesquisas está o geógrafo alemão Ravenstein, que através de estudos pioneiros que ficaram conhecidos como “As leis das migrações”, onde no século XIX desenvolve o modelo de atração e repulsão, dessa forma destacando o papel da dinâmica territorial na estruturação do projeto migratório dos indivíduos que, segundo Castro (2012), a decisão de se deslocarem do local de origem para um determinado destino estará relacionada com a percepção positiva ou negativa diante de determinados aspectos de ambos os lugares, ou seja, os migrantes serão influenciados pela existência de fatores repulsivos existentes no território de partida; por outro, a escolha do território de destino estará condicionada pela existência de fatores positivos, nomeadamente de cunho econômico, laboral e social, posteriormente já no século XX surge a teoria desenvolvida por Everett Lee (*apud* SASAKI & ASSIS) chamada de *push and pull*, que é basicamente a escolha racional do indivíduo se pautando na avaliação dos fatores positivos e negativos associados às regiões de origem e destino, que estão à base do processo de decisão. Observamos claramente que essas abordagens teóricas enfatizam as determinações econômicas na decisão de cada indivíduo que deseja migrar, analisam algumas regularidades e singularidades do fenômeno, bem como características tanto nos locais de origem, como de local destino, podendo ser determinantes para o indivíduo na sua tomada de decisão.

Essas colocações, quando ligada aos imigrantes da virada do século XIX para o século XX, insinuavam certa desagregação, criminalidade e quebra de laços familiares, claramente esses problemas e processos que são vistos na sociedade em decorrência da urbanização, mas que ao receber durante anos um contingenciamento enorme de imigrantes de diversos locais, constantemente esses problemas são associados a presença desses imigrantes de forma totalmente preconceituosa, e isto não é novidade já que podemos observar o caso dos Estados Unidos que comporta em sua sociedade uma gama enorme de imigrantes com a diversidade gigantesca de

nacionalidades, e onde é frequente esse problema que se tornou até em um problema sociológico, embora Sasaki & Assis (2000) afirmem que a imigração era irrelevante nos centros de estudos sociológicos nos séculos XIX e XX, já que para Richmond (1988 *apud* SASAKI & ASSIS, 2000), ao analisar os clássicos – Malthus, Marx, Durkheim e Weber –, demonstrou que a migração era analisada enquanto consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e urbanização. Isto envolvia o declínio das comunidades rurais e a criação de culturas heterogêneas e globais, na concorrência dos imigrantes por emprego e na luta para sobreviver numa cidade de ambiente totalmente distinto.

Para demonstrar este argumento, Richmond (*apud* SASAKI & ASSIS, 2000), ressalta de forma explícita como os autores clássicos da sociologia abordaram a questão da migração. Primeiramente ele trás o pensamento de Thomas Malthus (*apud* SASAKI & ASSIS, 2000), que para ele a migração era vista como uma consequência inevitável da superpopulação. O Novo Mundo possibilitava um espaço para as migrações temporárias para fugir do ciclo de pobreza e miséria. Este pensamento derivava de sua concepção de que a população crescia em ordem geométrica, enquanto a capacidade de gerar tecnologias crescia em ordem aritmética. Por outro lado, Karl Marx discorda dessa ideia, encarando ela até como reacionária, já que ele destacava a inevitabilidade e/ou naturalização da pobreza. Marx colocava a culpa do quadro de pobreza nos empreendedores capitalistas que deliberadamente abaixavam os salários para maximizar seus ganhos. Ao examinar os efeitos das mudanças econômicas e políticas na França, Irlanda e Escócia, Marx realçou a cumplicidade dos governos e dos militares na coerção de camponeses e pequenos proprietários para a migração, através de movimentos de cercamentos (*enclosures*), autorização de partida e assistência estatal aos movimentos de emigração. (Cf. SASAKI & ASSIS, 2000)

Émile Durkheim reconhecia claramente a migração como um dos fatores de quebra das comunidades tradicionais mantidas juntas pelos laços de solidariedade mecânica. A transição para a solidariedade orgânica, baseada numa divisão social de trabalho e interdependência econômica, era frequentemente acompanhada pela anomia, ou o colapso do sistema de valores comuns, que resultava em desintegração social que, por sua vez, poderia levar a consequências patológicas. Tais consequências incluíam crime, suicídio e conflito de grupo. (Cf. SASAKI & ASSIS, 2000)

Segundo Sasaki & Assis (2000), Max Weber percebia a migração de forma menos definida. Como Marx e Durkheim, Weber estava concentrado nas consequências da industrialização e crescimento do capitalismo. Ele estava impressionado com os efeitos desintegrados e notava a importância da religião, evidenciado em sua celebre obra “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, a qual reconhecia como condição necessária para acumulação de capital e para impor um código de disciplina sobre a força de trabalho. Weber dizia que a migração era um fator incidental, criando novas classes sociais e grupos de status étnicos. Para Malthus, Marx, Durkheim e Weber, segundo Sasaki & Assis (2000), a migração era analisada como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que, por sua vez, dava-se através da industrialização, urbanização e mobilidade populacional. Isto é, a migração era uma preocupação secundária para estes importantes pensadores naquela altura.

Com o passar dos tempos, observa-se que a imigração se transformou de algo secundário para algo muito mais primordial, principalmente no século XX que, de acordo com Sasaki & Assis (2000), os sociólogos americanos foram levados a colocar a migração como um problema real, dada à crescente mobilidade populacional da Europa para os países do Novo Mundo, particularmente os Estados Unidos. Essa mobilidade, consequente ao crescimento populacional e das crises econômicas naqueles países, gerou um intenso debate político nos Estados Unidos, principalmente, tendo em vista a preocupação ascendente nesse país com a constituição da sociedade frente à presença de imigrantes, debate este que ainda hoje causa muita polêmica e discussão.

4.2 A MOVIMENTAÇÃO INTERNACIONAL DOS AFRICANOS/AS E A GLOBALIZAÇÃO

A migração internacional, do ponto de vista da globalização, tem sido abordada por diversos autores que por proporções multidisciplinares, examinam as novas relações sociais e como se manifesta à questão, característico às novas formas das migrações. Dessa forma, diferenças geradas a partir de diferentes graus de desenvolvimento econômico (exclusão, pobreza e desigualdade) ou transformações demográficas, somados a fatores políticos ou étnicos em determinados momentos, são analisados como aspectos relevantes de movimentos migratórios em larga escala.

O século XXI parece ser a promessa da consolidação de uma ordem racional, moderna, em que o mundo atual busca consolidar o progresso tecnológico, o crescimento econômico em torno de competências adquiridas enquanto “conhecimento, emancipação e identidade” em função de processos de desenvolvimento autossustentável. Por esse motivo, afirma Tolentino (2006), “a globalização e a livre circulação de bens e capitais induzirá inevitavelmente a livre circulação de pessoas”, ao mesmo tempo em que provoca “a reavaliação das políticas das migrações internacionais, posto que a migração definitiva ceda espaço à migração temporária”

Segundo Ianni (apud PATARRA, 1996. p.1a) “a globalização [enquanto] processo de amplas proporções, envolve nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações”. Assim sendo, surgem nos espaços globais tendências que além de complicar aspectos nas dimensões sociais, políticas e culturais, alteram toda a atividade das relações sociais que, para o autor, são relações variáveis onde produzem ou reproduzem-se pelo campo do imaginário, do virtual, do imediato, do fragmentado. Esse modo gerado pela dinâmica da sociedade global, salientada pelo autor, envolve determinadas reações de classes, grupos, da coletividade como um todo ou através de civilizações. Para Ianni, isso manifesta a intensificação de uma “nova divisão internacional do trabalho”, que gera a necessidade de busca por espaços globais, uma necessidade de “reterritorializar em outros espaços” e, nesse sentido, essas reações conjuntas também refletem novas redes de articulação que mobilizam, conduzem e possibilitam a propagação e desenvolvimento do capitalismo global.

A mobilidade migratória no contexto africano alude historicamente aos processos ancestrais. Provavelmente um continente onde se deu a maior mobilidade humana, não só pela razão de ser a “fonte da humanidade”, mas também por motivos que vão desde os processos intensos de islamização, embates entre os diferentes impérios e reinos, a complicada questão climática no interior da África, observam-se neste processo histórico movimentos migratórios vinculados a conflitos pelo colonialismo e assentamentos que conduziram ao estabelecimento de sistemas de mão-de-obra migrante para as plantações e as minas. A situação colonial, que teve início com a invasão das potências europeias, levando seu povo a se locomover com

muita intensidade, além dessas questões vemos no decorrer da história que sempre existiram na África deslocamentos de populações de uma região para a outra por diversas razões. Mas, infelizmente, constata-se também que as referências existentes sobre a mobilidade dos africanos no interior do próprio continente são quase sempre vistas como forma de escapar da morte por desnutrição, da pobreza como no caso de autores como Castles e Miller (2004).

O fluxo de pessoas além das fronteiras políticas de todos os países africanos em direção aos países vizinhos parece não ser vista por muitos estudiosos como uma estratégia de efetivação dos projetos de vida pessoal e familiar, mas apenas como uma comum estratégia de sobrevivência, ou seja, projetos que envolvem propósitos de caráter afetivo, religioso, emocional, saúde ou intelectual, não são motivos levados em consideração para o deslocamento dos indivíduos.

Dessa maneira, talvez pela uniformidade teórica e metodológica, muitos analistas são levados a não colocar foco nas divisões políticas, nas diferenças linguísticas, étnicas e culturais que diferenciam os povos daquele continente. De fato, essas tendências teóricas fazem com que os fluxos migratórios em África sejam ocultados ou reduzidos a somente abordagens de perspectiva de fuga. Dessa forma, observa-se que os movimentos migratórios no continente africano, apesar da diversidade, apresentam tendências globais com especificidades de fluxos migratórios africanos, motivados por conflitos étnicos, e principalmente problemas políticos.

4.3 A INSERÇÃO DE AFRICANOS NO BRASIL - COOPERAÇÕES BILATERAIS BRASIL E ÁFRICA: O CASO UNILAB

Constata-se que dentro do contexto histórico, o fenômeno da imigração sempre esteve presente na formação social, política, econômica, e principalmente cultural no Brasil. Desidério (2006) aponta que, “o fenômeno da imigração, sempre esteve presente desde as imigrações “forçadas” dos africanos, às migrações continentais “estimuladas” onde os europeus constituíram o terceiro grande continente de migrantes que marcaram nossa história”.

A presença africana com todas as suas diversidades e conflitos ainda é um tema pouco debatido na literatura sobre migração no Brasil, assim como nos estudos

que pesquisam as dimensões populacionais de um movimento migratório pesado, de tráfico transatlântico, entre os séculos XVI e meado do século XIX. Nessa perspectiva, esse movimento transatlântico, ainda que forçado, promoveu o povoamento do Brasil por uma população oriunda de diversas regiões do continente africano. O quadro histórico brasileiro de escravidão, de acordo com Reis (2000) “fez com que se “mascarassem” a relevância quantitativa dessa população de forma a parecer que os escravos nascidos no Brasil, eram minoria.”

Vale ressaltar que, os estudos sobre o africano no Brasil foram, durante anos, pontuados pela presença negra na sociedade brasileira, até mesmo para defender a tese de uma democracia racial em território brasileiro. Segundo Desidério (2006), “nos anos 50-60 e até mais recentemente, muitos trabalhos foram desenvolvidos sobre o tema do negro, voltados frequentemente para a questão da integração ou da desigualdade com enfoque nas relações raciais, na etnicidade, na classe, na subcidadania, na segregação espacial, na representação cultural, na religiosidade, etc.” ou seja, a imigração negra no Brasil aculturou-se, e foi assimilada, fazendo-se quase impossível perceber-la exclusivamente como fluxo de africanos, o que travou o desenvolvimento de alguns estudos sobre movimentos mais recentes e representativos desta população em solo brasileiro.

Ao descrever sobre as relações Brasil\África podemos perceber, principalmente nos processos migratórios, deve se levar em consideração que eles começam a partir do processo de escravidão, apesar de alguns estudos apontarem que ao decorrer da história, a África e o Brasil eram territórios contínuos que separaram-se por meio de fenômenos da natureza, conforme aborda vários estudos geológicos, caracterizados atualmente pela descontinuidade territorial marcada pelo oceano atlântico (SARAIVA apud TCHAM, 2012, p.18). Apesar desse processo escravocrata, iniciado na primeira metade do século XVI, de acordo com Tcham (2012), a mão-de-obra escrava foi uma das que fez desenvolver a organização econômica e social da colônia portuguesa e da organização do estado imperial no Brasil, dessa maneira a África passou a ter um papel importantíssimo na formação da sociedade e na dinâmica cultural brasileira.

A cooperação para o desenvolvimento surge, em grande medida, como instrumento da política externa, e vista de forma acelerada no decorrer do segundo mandato do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), buscando uma valorização do Brasil com os países do hemisfério sul, de forma incisiva com os países

africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), na área das relações Sul-Sul o interesse pelo continente africano surge destacado na “diplomacia presidencial” de Lula, que vê na África não apenas uma responsabilidade moral e solidária, mas também um significativo potencial comercial e de aliança política (MATOS, 2011). O Brasil parece desejar ser um ator responsável e ativo no sistema internacional e, historicamente, o Itamaraty tem sido a instituição que, por excelência, pensa o interesse nacional em longo prazo. Conferir maior peso a regiões ainda pouco exploradas e a países em desenvolvimento, sem negligenciar as relações já estabelecidas com parceiros mais tradicionais, não apenas vem ao encontro de uma definição mais ampla de interesses nacionais e da inserção do Brasil na economia mundial, mas também contribui para conferir legitimidade a diplomacia.

Segundo Desidério (2006), os indicadores e infraestruturas de educação destruídas nas décadas seguidas de conflitos em alguns países africanos, principalmente nos países dos PALOPs com os avanços dos processos de independência. A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) representa um passo a frente na política educacional internacional do Brasil e seu plano de expandir o ensino superior além-fronteiras. Expressa, ainda, uma orientação da Política Externa Brasileira (PEB) para o Sul do mundo, com especial atenção para a cooperação com os países africanos. Diógenes & Aguar (2013, p. 12) afirmam que:

o Brasil tem-se esforçado, junto à comunidade internacional, em adotar compromissos para o desenvolvimento da África. Nesse sentido, a Unilab se adapta às recomendações que indicam a importância de as universidades se dedicarem à busca do desenvolvimento econômico e social e à promoção da pesquisa. Esta instituição de ensino superior, desse modo, representa um avanço na política brasileira de cooperação com a CPLP, refletindo o engajamento do Brasil com a proposta da comunidade internacional.

Formulada através de um projeto de lei de 2008, fundada em 2010, e dando início as suas atividades acadêmicas no primeiro trimestre de 2011. A UNILAB é uma instituição federal sediada na cidade de Redenção (Campus Liberdade) no Estado do Ceará, cidade esta que é considerada a primeira cidade brasileira a abolir a escravidão em 1883, mas cabe dizer que só houve a abolição no Brasil somente em 1888.

Existem também os campus de Acarape (Palmares), Auroras (Redenção) e o dos Malês, este último situado em São Francisco do Conde no Estado da Bahia, município esse que, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), concentra o maior percentual de população negra no país. A solidariedade com a África e a procura da igualdade racial no Brasil, faz com que recursos e conhecimentos cheguem às regiões onde se encontram os campi que se situam em regiões mais distantes dos centros, promover a integração cultural entre diferentes povos, enfim, igualdade na diversidade, são os propósitos desta instituição. É composta pelos países lusófonos das diferentes regiões do mundo (África, América Latina, Ásia e Europa) que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Entre eles, além do Brasil (autor do projeto e país sede), Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor Leste e São Tomé e Príncipe fazem parte da instituição.

Segundo Diógenes & Aguiar (2013), a UNILAB, sobretudo tem como tripé **1**) o ensino, 2) a pesquisa e a 3) extensão universitária. Seu papel institucional particular é a formação de recursos humanos para a integração entre o Brasil e os países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), sobretudo os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). A interiorização do ensino superior com ênfase no acesso mais profundo na inclusão social e desenvolvimento nacional, investimento em ciência e tecnologia, desenvolvimento da região e cooperação cultural. Para reforçar a cooperação internacional e intercâmbio acadêmico seu corpo docente e discente é composto por brasileiros e cidadãos de nações parceiras. Vale ressaltar que a escolha dos cursos ofertados pela UNILAB obedeceu a critérios relacionados a interesses recíprocos de modo a suprir necessidades conjuntas do Brasil e dos países africanos, notadamente os pertencentes aos PALOP (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe). Até o momento a UNILAB estruturado de forma semestral, conta com os seguintes cursos de graduação: Administração Pública, Agronomia, Antropologia, História, Pedagogia, Sociologia, Bacharelado em Humanidades (BHU), Ciências Biológicas, Química, Farmácia, Matemática, Enfermagem, Engenharia de Energias, Engenharia de Computação Física, Letras - Língua Portuguesa e Letras – Língua Inglesa. No âmbito da Pós-graduação, a Unilab oferta atualmente cinco cursos de especialização

Lato Sensu, todos na modalidade a distância e cinco programas de mestrado com oferta anual de vagas, nas modalidades acadêmico e profissional, são eles:

LATO SENSU:

- Especialização em Gestão Pública;
- Especialização em Gestão Pública Municipal,
- Especialização em Gestão em Saúde;
- Especialização em Saúde da Família;
- Especialização em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientes e Energéticos;
- Especialização em Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

STRICTO SENSU:

- Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS
- Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – MIH
- Mestrado Acadêmico em Enfermagem – MAENF
- Programa de Mestrado em Antropologia UFC-UNILAB
- Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT
- Mestrado Acadêmico em Estudos da Linguagem
- Mestrado Acadêmico em Energia e Ambiente
- Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (associação com IFCE)

A Universidade internacional com projeto político-pedagógico ambicioso de integração internacional com os países africanos, especialmente os PALOP, a UNILAB é resultado da cooperação Sul-Sul do Brasil. Ainda que o Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) há muitos anos tenha consolidado a cooperação educacional internacional entre África e Brasil, o surgimento da UNILAB representa uma iniciativa de maior fôlego dessa cooperação educacional internacional entre tais parceiros. Uma vez que a UNILAB objetiva a formação de recursos humanos (com investimento em educação e pesquisa), visando ao desenvolvimento econômico do Brasil e demais países do Sul global.

Ao perceber o sentido da imigração atualmente, vemos que Castro (2008) conecta a imigração com o empobrecimento de determinadas classes sociais, o anseio por mudança e o aumento das desigualdades entre os países como motivos

pelos quais as pessoas migram. Observa-se do mesmo modo que a autora trás a globalização da economia como um outro sentido de imigração, influenciando as pessoas a migrar em busca de oportunidades de mobilidade social e melhora na condição de vida, porém esta globalização potencializa a culturas de estranhamento em relação aos imigrantes, pois ela é responsável por aumentar o abismo entre “os que tem e os que não tem”

4.4 EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO: GUINÉ-BISSAU E BRASIL

Guiné-Bissau, ex-colônia de Portugal que em 24 de Setembro 1973, com o auxílio do partido africano declarou independência, mas somente em 10 de setembro de 1974 Portugal reconhece a independência da Guiné-Bissau, que se tornou a primeira colônia portuguesa na África a se tornar independente, país situado na costa ocidental da África, com uma dimensão de 36.125km², dividido por uma parte continental e outra constituída por um conjunto de 90 ilhas, sendo 17 habitadas, faz fronteira com Senegal ao norte, com a República da Guiné-Conacri ao leste tendo o setor autônomo de Bissau (Capital) a maior densidade populacional e as ilhas do arquipélago dos Bijagó são as menos habitadas, segundo o senso do INEC (Instituto Nacional de Estatísticas e censos, 2018). Segundo Pinto Có (2014), os grupos étnicos mais numerosos são os Balanta (30% da população), os Fula (20%), Manjaco (14%), Mandinga (13%), e os Papel (7%). A população é de cerca de 1.600.000, com projeção que em 2025 a população irá ser de 2.208.614 habitantes.

A mobilidade espacial com fins de estudo é um processo histórico e se manifesta de diversas formas dependendo de acordos firmados entre os países ou instituições envolvidas e seus reflexos são sentidos em todas as dimensões de quem a vive. Historicamente a movimentação migratória em prol da educação é percebida internacionalmente desde a criação das primeiras universidades como: Universidade al Quaraouiyine - Fez/Marrocos (859); Universidade de Al-Azhar – Cairo/Egito (988); Universidade de Bolonha - Bolonha/Itália (1088)), Universidade de Paris - Paris/França (1170), Universidade de Oxford - Oxford/Inglaterra (1096), Universidade de Sancoré – Tombuctu/Mali (cerca de 1300). No caso das universidades europeias, a metodologia de ensino da época era fixada na **Trivium**: gramática, retórica e lógica;

e do **Quadrivium**: aritmética, geometria, música e astronomia. Essas universidades já contavam com professores e alunos de outras regiões (TCHAM, 2012, p. 13), formando dessa maneira comunidades internacionais, os estudantes de diversos países se juntam em um só objetivo, o conhecimento. Esse processo no atual contexto marcado pelo o aumento do acesso a informação através das mídias sociais, em um mundo globalizado a educação em nível superior, à medida que cumpre a função de produtora e propagadora de conhecimentos, é importante para o crescimento tanto de países desenvolvidos e principalmente para aqueles emergentes.

Segundo Castro & Neto (2012), nesse atual cenário a internacionalização emerge, mais uma vez, das instâncias econômicas e políticas e não do espaço universitário. A formação de blocos econômicos passou a exigir, também, um espaço comum de educação, onde fosse possível a livre circulação de serviços e capitais educacionais, criando, por conseguinte, a necessidade de compatibilizar as qualificações, os sistemas educativos e de desenvolver padrões educacionais equivalentes. Nessa ideia de que o conhecimento na atualidade é essencial para o progresso das sociedades capitalistas e o entendimento de que uma forte economia baseada no conhecimento não reside, apenas, no acesso das pessoas à informação, mas também no grau em que elas conseguem processar essa informação, têm levado os países a repensar seus sistemas de ensino superior.

Ao falar em educação remetemos a importância do Brasil em relação ao desenvolvimento acadêmico de países emergentes, através de vários programas de internacionalização estudantil, dentre eles se encontra o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), tendo os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) como principais parceiros, salientando que esses países tiveram suas independências na década de 1970, etapa bem superior a dos colonizados pelos franceses e ingleses. Cabe ressaltar que, entre outros fatores de empecilho ao início da cooperação de qualquer ordem entre Brasil e os territórios coloniais portugueses na África, há o fato de que, dentre as condições para reconhecer a independência do Brasil, Portugal exigiu que este não interferisse nos assuntos de seus territórios coloniais na África (apoio ao colonialismo português). As relações do Brasil com a África do Sul (que então adotara o regime de segregação racial - apartheid) igualmente “retardaram o estabelecimento da cooperação Brasil/África”. (MENDONÇA JR. & FARIA, 2015).

O Brasil é hoje um importante polo de formação acadêmica para os estudantes africanos, especialmente para os pertencentes aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP são eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Essa escolha ou processo se dá por motivos variados, tais como a Língua Oficial Portuguesa, ou ainda os laços culturais e étnico-raciais. Tcham (2012), em sua dissertação de Mestrado, discute sobre “A África fora de casa”, apontando que a circulação dos estudantes africanos no Brasil se deve aos acordos celebrados e/ou assinados entre Brasil e África, mas não só isso:

A circulação dos africanos no Brasil é fundamentada através de acordos de cooperação acadêmica e cultural e incluem fatores sociais e diversas outras situações subjacentes que se combinam para distinguir a circulação internacional desses atores sociais. (TCHAM, 2012).

A vinda dos estudantes dos países africanos de língua portuguesa para o Brasil tem características peculiares que podem não ser percebidas ao levar em conta apenas a tendência contemporânea de circulação de pessoas em todas as partes do mundo, causada pelos inúmeros fatores como comércio, turismo, religião, guerras, pobreza, etc. Mas, ao invés disso, torna-se interessante se tomarmos como ponto de partida principalmente o passado que liga o continente africano ao Brasil, e por sua vez o Brasil ao continente africano. Trata-se de um passado que poderia ser narrado, tomando como ponto de partida o próprio início da humanidade, como afirma Tcham, a “África como o berço da humanidade”.

O Brasil para África seria um ponto estratégico e positivo a sua inserção internacional. Os africanos vislumbram no Brasil uma oportunidade de cooperação e desenvolvimento em diversas áreas. Tcham (2012) nos explica que *é comum ouvir um jovem em Bissau expressar a dúvida entre ir realizar um curso superior no Brasil ou em Portugal*, porém, esse estudante acaba optando pelo Brasil *pelo crescente aumento da presença de jovens estudantes oriundos dos PALOP nas universidades brasileiras*, onde, podemos justificar em tese a preferência destes pelo Brasil em relação à Portugal. No contexto de diferentes estratégias mobilizadoras, percebe-se, hoje, de Norte ao Sul do país, a presença de estudantes de origem africana e que chegam para adquirir formação em universidades públicas e privadas, vindas de diferentes países que, em sua maioria, compõem os PALOP.

Esses estudantes (africanos) saem de seus respectivos países com expectativas acadêmicas em relação ao Brasil. Porém, devemos entender alguns motivos que fazem com que esses estudantes atravessem o Oceano Atlântico em busca de uma formação superior no exterior. Para isso, na próxima seção, busca-se abordar justamente alguns fatores dessa mobilidade.

4.5 MOTIVADORES DA SAIDA DE ESTUDANTES GUINEENSES PARA ACARAPE, ESTADO DO CEARÁ, NO BRASIL

O estado do Ceará é um dos estados do Brasil com maior número de estudantes africanos. O Ceará tornou-se uma opção natural para os estudantes africanos por conta de sua posição geográfica. A capital, nesse caso Fortaleza, localiza-se a leste do país, próxima ao continente africano. A quinta cidade mais populosa e com um dos maiores PIB do Brasil recebe voos da companhia aérea cabo-verdiana TACV e da companhia portuguesa TAP, entre outras. Os estudantes guineenses, por exemplo, saem de sua capital Bissau ou de Dakar, no Senegal, em direção à cidade de Praia (Ilha do Santiago) ou Espargos (Ilha do Sal), em Cabo Verde. De lá, embarcam para o Brasil, passando por Fortaleza. Para os que optam viajar pela TAP, partem de Bissau em direção à Casablanca (Marrocos), indo para Lisboa (Portugal). E, após umas horas de espera, pegam um voo que parte de Lisboa, tendo como destino Fortaleza/CE.

Segundo Ercílio Langa (2014, pp. 102-103), a presença de estudantes africanos no estado do Ceará teve início na segunda metade da década de 1990, com o primeiro grupo oriundo de Angola. Nesse período, vinham somente estudantes de países africanos que falam a língua portuguesa para integrar-se na Universidade Federal do Ceará (UFC), através do Programa de Estudantes Convênio – Graduação (PEC-G). A partir de 1998, inicia-se a imigração massiva de estudantes bissau-guineenses e cabo-verdianos e, dois anos depois, estudantes são tomenses, angolanos e moçambicanos. Vale ressaltar que a presença dos estudantes bissau-guineenses se tornou massiva a partir de 2000 que, segundo Langa, se deu através da instabilidade vivida do país (nesse caso Guiné-Bissau), cuja maioria vem estudar em faculdades particulares, com contratos firmados em seus países de origem (LANGA, p.103).

Outro fator causador dessa migração é a facilidade linguística. Identifica-se que, atualmente, o português constitui a sexta língua mundial e a quarta língua mais utilizada na internet. Pinto Có (2009) nos demonstra, através de entrevistas com estudantes guineenses, que a língua é um fator importante, porém apresenta vantagens e desvantagens: “O Brasil não se constitui na primeira alternativa para formação, os países europeus são a primeira opção para muitos, pela possibilidade de se aprender uma nova língua (...), porque a pessoa pode aprender outra língua - francês, inglês, alemão, italiano”. (CÓ, 2009, p.118). Em contrapartida, um estudante guineense ao escolher França ou Rússia para estudar, o mesmo terá a oportunidade de conhecer uma nova língua- inglês e russo, respectivamente. Mas, ao mesmo tempo, se aquele estudante não conhece nada daquela língua, como o mesmo se adaptará naquele país?

João Có (2009) nos apresenta que essa escolha é importante, mas apresenta desvantagem:

A vantagem que os estudantes guineenses têm na Europa inclusive, para aqueles que estudam na Rússia, Alemanha, Itália, Inglaterra, União Soviética (...), está em adquirir uma nova língua estrangeira, cuja desvantagem está no enfrentamento de um longo período de adaptação para que possam conseguir encarar os estudos mais voltados para suas áreas de formação. No Brasil, o mesmo não acontece devido à similitude da língua (CÓ, 2009, p.108).

Morais e Silva (2011), em seu artigo sobre estudantes africanos nas universidades brasileiras nos apresenta um subcapítulo em que trabalha a questão das línguas “portuguesas”, assim denominada pelos pesquisadores. A língua portuguesa, tal como falada e escrita no Brasil, representa um tipo de problema na inserção de muitos estudantes africanos que veem estudar no Brasil julgando ter mais facilidade de se adaptar no contexto universitário, pelo fato da língua portuguesa ser oficial, tanto em Guiné-Bissau quanto no Brasil. O autor salienta que:

São recorrentes as dificuldades com o manejo da língua entre os estudantes durante, pelo menos, os dois primeiros semestres de estudo (...) os motivos são claros, os países africanos de língua oficial portuguesa, muita das vezes a utilização da língua estava restrita a situações de estabelecimento de relações burocráticas com a administração pública em espaços como escolas, embaixadas e órgãos do governo. (MORAIS; SILVA, 2011, p.3).

Nesta perspectiva, embora oriundos de um país em que o português é a Língua Oficial do Estado, língua do ensino, língua do antigo colonizador, mas que em Guiné-Bissau está longe de ser a língua da comunicação cotidiana. Augel (1997) apresenta alguns motivos que fazem com que não chegue há 15% da população guineense que fala o português em espaços públicos de debates e entre outros setores. Segundo a autora, em muitas assembleias realizadas para discussões políticas do estado, o crioulo prevalece em relação ao português. O que vemos hoje, na realidade linguística da Guiné-Bissau é resultado de um crescimento contínuo e significativo do uso de uma das línguas nacionais, o crioulo da Guiné-Bissau, ou Kriol.

Em Guiné-Bissau, alguns fatores contribuem para tal afirmação, dentre elas, o rádio, que emite grande parte dos seus programas em crioulo e é ouvido em todo país. A televisão de Guiné-Bissau - TGB, apesar da sua dependência da cooperação portuguesa, transmite programas em crioulo e em português. A música popular guineense, de imensa divulgação e aceitação em todos os meios sociais, é um fator importante neste contexto, sem falar das reuniões de trabalho, por exemplo, nos ministérios e nas administrações, os espaços onde se mantém o português “isolado” do cotidiano guineense.

Isso se estende à cidade de Acarape e à Unilab, pois os estudantes guineenses, ao chegarem cá, sentem dificuldades de comunicação com os brasileiros, sejam eles da acadêmica ou externa, devido ao sotaque local – o cearencês -, que muitas vezes se falam palavras diferentes e de difícil compreensão, que requer um certo tempo para se adaptar e, enfim, se comunicar de forma mais efetiva.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, ocorrerá por meio de um estudo de caso. Compreende-se por pesquisa de campo, pois a mesma propõe uma interação dos dados obtidos pela pesquisa bibliográfica, documental.

A escolha dos procedimentos metodológicos ocorreu pela própria característica da pesquisa. O estudo de caso propiciará uma observação mais próxima do processo de adaptação, tornando-se necessária sua utilização de aplicação de entrevistas, para entender melhor esse processo migratório.

Dessa maneira, podemos destacar a validade e a confiabilidade desse estudo através dos dados obtidos com a coleta de dados por meio de entrevistas diretas nas residências dos guineenses e/ou dentro da própria instituição e em outros ambientes sociais, os interlocutores (objeto) selecionados para a pesquisa será composto pela comunidade guineense inserida na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

5.1 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

No primeiro momento iremos fazer uma pesquisa bibliográfica para desenvolver uma leitura necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

No segundo momento faremos gravações de entrevistas, a serem autorizadas pelos entrevistados, para melhor entender os processos do objeto.

As atividades desta pesquisa serão desenvolvidas num período de cinco meses e será dividida em duas etapas. A primeira será constituída pela revisão bibliográfica, bem como a elaboração das perguntas utilizadas nas entrevistas junto aos estudantes guineenses na UNILAB. Tal etapa ocorrerá nos primeiros três meses do cronograma, e na segunda etapa será desenvolvida a aplicação das entrevistas, bem como a análise, localização e identificação das fontes de obtenção dos dados ou documentos.

6 CRONOGRAMA

Procedimentos metodológicos	Mês 1	Mês 2	Mês 3.	Mês 4	Mês 5
Pesquisa Bibliográfica	X				
Elaboração das Questões	X	X			
Aplicação das Entrevistas		X	X		
Análise dos Dados				X	
Elaboração do Trabalho Final			X	X	X
Entrega e Apresentação Final					X

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Castro, Alda, Cabral Neto, Antônio, **O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina** Revista Lusófona de Educação 2012, ISSN 1645-7250

CASTRO, Mary Garcia. **Migrações Internacionais e direitos humanos e o aporte do reconhecimento**. REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, ano XVI, nr. 31, 2008. p.7-36.

CÓ, P.P.J. **Filhos da Independência: Etnografando os Estudantes Bissau-Guineenses do PEC-G em Fortaleza-CE e NATAL-RN**. Dissertação de Mestrado. UFRN: Natal, 2011.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **La Era de la migración. Movimientos Internacionales de Población en el Mundo Moderno**. México. Editor: Miguel Ángel Porrúa,. 2004. 388p.

CASTRO, Fátima Velez. **Imigração e territórios em mudança. Teoria e prática(s) do modelo de atração-repulsão numa região de baixas densidades**. Departamento de Geografia e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Cadernos de Geografia nº 30/31 - 2011/12 Coimbra, FLUC - pp. 203-213

DESIDERIO, Edilma de Jesus. **Migração Internacional com fins de estudo: o caso dos africanos do Programa Convênio de Graduação de três universidades públicas do Rio de Janeiro**. 2006. 220 F. Dissertação (Mestrado) Programa de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais – IBGE. Rio de Janeiro, 2006.

IANNI, O. **Globalização e Diversidade**. In.: PATARRA, N. L. (org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, v.2.1996. p.1-15.

MENDONÇA JUNIOR, Wilson; FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de (2015). **A cooperação técnica do Brasil com a África: comparando os governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Lula da Silva (2003-2010)**. Revista Brasileira de Política Internacional, 58 (1): 5-22. Publicado em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292015000100005&lng=en&nrm=iso>]. Disponibilidade: 30/10/2015.

MORAIS, S; SILVA, K.C. **Estudantes de países africanos de língua oficial portuguesa nas universidades brasileiras: Tensões de sociabilidade e dinâmicas identitárias**, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000100011. Acesso em 19 dez.2015.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diáspora africana no Ceará: Representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano (a)s em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais/ Lusophone Journal of cultural Studies**. Vol.2, n.1, pp. 102-122, 2014.

Matos, P. (2011) “**Política africana do governo Lula**”, *Outras Palavras* (21/06/2011)

REIS, J. J. **Presença Negra: Conflitos e encontros**. In. **Brasil 500 Anos de Povoamento**. IBGE. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro, 2000.

Sasaki, E.M. e Assis, G.O. Teorias das migrações internacionais. XII Nacional da ABEP. Caxambu, 2000.

SARAIVA José Flávio Sombra. “**Olhares Transatlânticos**”: África e Brasil no mundo contemporâneo, 1999.

SAYAD, A. A Imigração: Ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil**: Imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – ESS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.saber.ac.mz/bitstream/10857/1887/1/CarlosSubuhana%2BTese.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

TOLENTINO, André Corsino. Universidade e Transformação Social nos Pequenos estados em desenvolvimento: o caso de Cabo Verde. Doutorado em Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, 2006

TCHAM, Ismael. **A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil** \ Recife: UFPE, 2012.

BRASIL. IBGE. Acarape. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/acarape/panorama>

Acesso em: 14/08/2019.